

33º Festivale: vozes dissonantes na cena teatral contemporânea

Por Priscila Gontijo¹

A 33ª edição do Festivale contemplou o tema “Inquietações cênicas” e levou aos palcos e outros espaços da cidade uma produção teatral heterogênea e formadora de um corpus complexo e polifônico. Desde a abertura, com a apresentação do *Auto do Reino do Sol*, da Barca dos Corações Partidos, que lotou o teatro em três sessões entre os dias 29 e 30 de agosto – a encenação trouxe uma série de características de seu grande homenageado, Ariano Suassuna (1927-2014), que defendeu incansavelmente a brasilidade e a valorização da cultura nacional, ao mesclar arte popular e o universo erudito em todas as suas obras – até o fechamento da programação com *Insetos*, texto inédito de Jô Bilac, adaptado pela Cia dos Atores e pelo diretor Rodrigo Portella – a peça marca os 30 anos de atividade do grupo carioca e traz uma reflexão pertinente sobre as questões sociais e políticas contemporâneas a partir das relações encontradas na natureza – foi possível conferir entre esses dois espetáculos, um evento capaz de compor um panorama bastante rico da cena teatral nacional.

A programação dessa edição nos leva a refletir que é dessa multiplicidade, da sede que sentimos de conversar com outros pontos de vista, de habitar outros universos, que atingiremos – quem sabe – o jogo de alteridade capaz de libertar as diferentes vozes em diálogo com as problemáticas contemporâneas para explodir com um pensamento hegemônico. Esse pensamento monológico que nos sufoca, em que compartilhamos o tempo todo do mesmo ponto vista, sempre polarizado, cindido, é possível de ser atravessado no campo artístico por um embate polifônico em diversos planos. A realidade torna-se um teatro, mas tão planetário e tão da mesma idade que precisamos urgentemente dessa frequência de outros pontos de vista. A programação do Festivale buscou

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

contemplar esse jogo temporal antropológico, metafísico, político, micro político de forças intensivas. De uma ética alegre, segundo Spinoza. Talvez, a pergunta mais urgente hoje, antes de pensarmos em formas estéticas e procedimentos artísticos, seja esta: o que nos afeta no mundo atual?

Na noite de sexta-feira, 31 de agosto de 2018, o espetáculo *O arquiteto e o imperador da Assíria*, escrita em 1966 pelo dramaturgo espanhol Fernando Arrabal (1932), com a Cia de 2 de São José dos Campos, buscou responder à pergunta com a escolha acertada de um autor que se revela de singular relevância para a contemporaneidade em que os dispositivos de poder necessitam de uma problematização que amplie a nossa visão de mundo. Na encenação, o tema da manipulação e do poder midiático se expande para outras camadas do texto, convidando a plateia a ressignificar a concepção de poder na atualidade.

Criado a partir da obra homônima de Janaína Leslão, o espetáculo *A Princesa e a Costureira*, do grupo Teatro da Conspiração, dirigido por Antonio Correa Neto, apresentou-se no domingo, dia 02 de setembro, no Cine Santana. Geralmente nos contos de fada, tem-se no beijo final do príncipe a salvação da princesa que acorda do sono profundo direto para um final feliz. Nesta encenação do grupo Teatro da Conspiração há um deslocamento de ponto de vista, pois aqui, a princesa tem a opção de escolher. Assunto importante e contundente para os dias atuais, a montagem dialoga diretamente com o tema desta edição. Temas que abordam a diversidade humana e a representatividade LGBT são fundamentais para formar uma nova geração mais solidária e tolerante. A julgar como a mulher é normalmente representada nas narrativas dos contos de fada, sempre dependendo do olhar de um príncipe que as liberta para um final feliz, ter na programação do Festivale uma encenação voltada para o público infantil, em que a princesa escolhe o seu

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

objeto amoroso, pode ser um grande passo para uma emancipação artística, além de cumprir uma função pedagógica e formadora de ampliação de visão de mundo. A peça auxilia famílias e escolas na discussão da diversidade humana.

Dentro da programação desta edição, foi possível perceber alguns procedimentos artísticos em comum entre as montagens. Além de *A princesa e a costureira*, espetáculos como *A receita*, *Rasto atrás* e *O arquiteto e o imperador da Assíria* nos convocam ao jogo de se colocar no lugar do outro, já que os atores se revezam em diferentes personagens. Um dos procedimentos que auxilia nesse jogo de alteridade, e esteve presente com certa regularidade na 33ª edição, foi o recurso do metadrama (ou metateatro) – termo que se aplica às obras dramáticas que remetem a si próprias, enquanto textos de representação. Essa técnica de autorreflexão do teatro dentro do teatro, onde a fantasia dialoga com a realidade objetiva tem particular expressão dramática quando uma personagem veste a pele de outra personagem, dentro do mesmo texto de representação. Trocar de personagem é também metáfora para se colocar no lugar do outro, deslocando o ponto de vista e embaralhando as questões fixas de gênero.

Também merecem destaque os espetáculos: *Animo festas*, *Space Invaders* e *Barro Homem, Barra Mulher* que trouxeram à cena reflexões sobre a diversidade sexual, censura, noções de identidade e de gênero, o descaso com a cultura e com a arte em nosso país, – através do hiperbólico palhaço Klaus, por exemplo, em *Animo Festas* – espetáculos que combatem, cada um a seu modo, as diversas formas de discriminação e violência contra as diferenças. A multiplicidade de linguagens inscritas nessas encenações revela um teatro que provoca e redimensiona a problemática contemporânea, muitas vezes, sem deixar de divertir e sem abrir mão da fantasia e da ludicidade.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

É o caso do espetáculo *Space Invaders*, apresentado no dia 05 de setembro, no Cine Santana, onde a tragicidade que opera no limiar entre a infância e a vida adulta, colabora para ressignificar momento de grande turbulência. Acompanhando a trajetória de quatro irmãos, vemos os ritos de passagem vivenciado por cada um sendo atravessado por temas como suicídio, gravidez na adolescência, depressão, *bullying* e a descoberta da sexualidade. As personagens – presas em um “dia ruim” – descobrem que para sair desse “encarceramento” só podem contar umas com as outras.

Já o espetáculo *A receita*, do Núcleo de Artes Cênicas de São José dos Campos, refletiu sobre a miséria – em sentido amplo, para além da precariedade material – retratada na obra homônima de Jorge Andrade e trouxe à tona a liberdade de experimentação, em uma composição interdisciplinar. Em um caleidoscópio sonoro poético, *A receita* confraterniza público e artistas da cena. O corpo cênico do espetáculo, politicamente alegre, multiplica visões de mundo e pressupõe uma postura criativa perante a existência a partir de multilinguagens.

Algumas formulações elaboradas por Renato Ferracini na palestra sobre o tema “Inquietações Cênicas”, deste 33º Festivale, estiveram presentes tanto na criação artística quanto no debate realizado por Atul Trivedi, Fabiana Monsalú e Rodrigo Morais Leite, quando os coletivos, provocados pela pergunta “qual ou quais as inquietações atravessam a pesquisa cênica apresentada”, compartilharam seus processos criativos. A questão suscitou diversas manifestações, tanto dos artistas, quanto do público. Através do compartilhamento de diferentes leituras das obras e da abertura dos processos de criação, os debates cumpriram a complexa tarefa de discutir a produção artística contemporânea.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

As formulações de Ferracini, sobre a postura ética que amplia a capacidade afetiva de todas as partes envolvidas em um corpo, foram de fundamental importância para a análise crítica dos espetáculos. Essa potencialização afetiva – quando um ou mais corpos se encontram e há uma potencialização de mundo – ecoou no 33^o Festivale através da conjugação de vozes de diferentes coletivos e manifestações cênicas, tanto nas novas abordagens do teatro popular e das formas narrativas, quanto das mais performáticas. Segundo Spinosa, a rede afetiva é a que importa. A postura ética da alegria é política porque coletiva.

A maioria das encenações, de cunho social, dialogaram com o momento presente, criando vínculos estreitos com o ambiente social nos quais elas despontam. As diversas formas artísticas se conectaram dialeticamente com uma teatralidade concernente ao debate dos mais diversos assuntos do momento, como, por exemplo, o feminismo, a tolerância religiosa ou a luta pela igualdade racial no Brasil. Por conta da multiplicidade de linguagens, as manifestações artísticas acentuaram que não há resposta pronta para a desigualdade social brasileira e para a crise atual. Porém, longe de eximir-se da responsabilidade, os coletivos buscaram ampliar o debate reconhecendo que, sem receita, ganha-se em possibilidades de ações.

Importante notar que Jorge Andrade (Barretos SP 1922 - São Paulo SP 1984), um dos mais expressivos dramaturgos paulistas e brasileiros, esteve presente em duas encenações deste 33^o Festivale. A primeira delas, *A receita*, com direção de Roberval Roberto, já mencionada, e a segunda, *Rasto atrás*, apresentada no dia 07 de setembro, no Teatro Municipal, com direção de Dagoberto Feliz e com o grupo Os Geraldos, de Campinas (SP). *Rasto atrás* refletiu sobre censura, família, conservadorismo, vocação e mudança, mas

¹ Crítica do 33^o Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

também nos convocou a repensar o presente através das trilhas da memória de um passado recente.

A encenação de *Estado de Sítio*, de Albert Camus (1913-1960), da Cia Teatral Controvérsias, de Pindamonhangaba (SP), celebrou seus 21 anos traçando uma dupla metáfora com a atual situação político-social vivenciada no Brasil e no mundo. O espetáculo apresentado no Teatro Municipal, sábado, 08 de Setembro, revelou que o mote da pesquisa do grupo no tema de “Fim de mundo” passou a ser uma representação alegórica do potencial destrutivo desencadeado pela realidade. Essa poética de resistência se apropriou do texto de Camus para expressar o seu “manifesto” cênico. O espetáculo mostrou os absurdos de uma burocracia levada ao extremo, criada para gerar o desentendimento entre as pessoas: por ser incompreendida – e temida – é que a nova ordem se mantém.

Foi dessa multiplicidade de pontos de vista que o Festivale reforçou seu potencial de abertura e indeterminação sobre as noções de identidade e de gênero, estendeu o diálogo entre artista e público e dilatou as diferentes linguagens cênicas. Por meio de sua equipe de curadores, o 33º Festivale conseguiu contemplar em sua mostra, espetáculos cuja configuração formal, para além da ousadia e da criatividade, demonstrava afinidade em relação à inquietações da atualidade em ressonância a adoção de uma estética peculiar. O comprometimento de todos da Fundação Cultural Cassiano Ricardo - FCCR, com coordenação primorosa de Wangy Alves, indica a seriedade dessa gestão com o fazer artístico, promovendo partilhas entre os artistas de São José dos Campos e os convidados de outras cidades e estados.

Na roda de conversa do último dia do Festivale, intitulada “Festivale: um lugar de inquietações para novas perspectivas” com a presença da coordenação, curadoria e críticas, o debate sobre a representação da mulher hoje enfatizou a

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

importância deste momento em que o festival completa sua 33ª edição, com a primeira curadora mulher a integrar a equipe e que ainda propôs a primeira equipe de críticas para somar suas pesquisas no cenário do teatro brasileiro. Como um lugar de formação pedagógica por meio da arte, a ampliação do olhar estético necessita dessa pluralidade de vozes para uma compreensão maior das relações humanas.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.